



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
TOCANTINS
Campus Palmas

**Coordenação da Área de Recursos Naturais
Curso Tecnologia em Agronegócio**

Samita Cristina Coelho Gomes

**A Função Social das Hortas Comunitárias no Município de
Palmas TO**

PALMAS

2016

**Coordenação da Área de Recursos Naturais
Curso Tecnologia em Agronegócio**

Samita Cristina Coelho Gomes

Trabalho de conclusão de curso apresentado a coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Tocantins / Campus Palmas, como exigência final para obtenção do grau em superior tecnólogo em Tecnologia em Agronegócio.

**A Função Social das Hortas Comunitárias no Município de
Palmas TO**

Orientador: Prof. Dr. Artur Ferreira Lima Neto

PALMAS

2016

Gomes, Samita C Coelho

A Função Social das Hortas Comunitárias no Município de
Palmas TO / Samita Cristina Coelho Gomes – Palmas TO, 2016.
43 f.

Monografia Tecnólogo Tecnologia em Agronegócio –
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Tocantins – *Campus* Palmas, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Artur Ferreira Lima Neto

1.Horta comunitária. 2. Social. 3. Analise. I. Título

A Função Social das Hortas Comunitárias no Município de Palmas TO

Trabalho de conclusão de curso apresentado a coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Tocantins / Campus Palmas, como exigência final para obtenção do grau em superior tecnólogo em Tecnologia em Agronegócio.

Aprovado em 21 de março de 2016

Banca Examinadora

Orientador Prof. Dr. Artur Ferreira Lima Neto
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Tocantins

Prof. Dr. Edvaldo Vieira Pacheco Sant'Ana
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Tocantins

Prof. Dr. José Eustáquio Cangucu Leal.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Tocantins

Palmas – TO
2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Aos meus avos, tias, meu esposo Fáustone Bandeira e a toda minha família que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia em especial meu orientador Prof. Dr. Artur Ferreira Lima Neto e aos membros da banca.

Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constante.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Resumo

O projeto das hortas comunitárias na cidade de Palmas, capital do estado de Tocantins, foi implementado em 1992 pela Prefeitura Municipal de Palmas, vinculado à Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Rural. A Prefeitura incentivou o cultivo das hortas comunitárias em pontos estratégicos, de norte a sul da cidade, com a finalidade de aumentar a oferta de alimentos e melhorar as condições de vida de grupos em vulnerabilidade econômica. Além do cultivo de vegetais e legumes, também se encontram o cultivo de frutas e plantas medicinais. Atualmente, o programa conta com 17 hortas e beneficia aproximadamente mais de 300 famílias (PREFEITURA DE PALMAS, 2013 *apud* SOUZA; NASCIMENTO, 2013).

As hortas comunitárias são de grande importância para a população beneficiária visto que muitos dos produtores já aposentados sem exercer alguma ocupação têm uma segunda oportunidade de exercer uma atividade prazerosa, interação e participação da comunidade

O presente trabalho permitira tecer uma análise sobre o modelo do projeto das hortas comunitárias na cidade de Palmas com o objetivo de identificar o perfil sócio econômico dos produtores.

Palavra chave: Horta comunitária, Social, Analise.

Abstract

The project of community gardens in the city of Palmas, the state capital of Tocantins, It was implemented in 1992 by the City of Palms, linked to the Municipal Agriculture and Rural Development. The City Council has encouraged the cultivation of community gardens at strategic points, from north to south of the city, in order to increase food supply and improve the living conditions of economic vulnerability in groups. In the cultivation of vegetables and vegetables, they are also the cultivation of fruits and herbs. Currently, the program has 17 gardens and benefits approximately more than 300 families

(MUNICIPALITY OF PALMS, 2013 apud SOUZA; NASCIMENTO , 2013)

Community gardens are of great importance for the population would benefit as many producers already retired without exercising any occupation have a second opportunity to exercise a pleasurable activity, interaction and community participation This work allowed to weave an analysis of the project model of community gardens in the city of Palmas in order to identify the socioeconomic profile of producers.

keyword: community garden, Social, Analyze.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Justificativa	10
1.2 Problemática	10
1.3 Objetivos	10
1.3.1 Objetivo Geral	10
1.3.2 Objetivos Específicos	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 A olericultura no processo de geração de renda na agricultura familiar.	12
2.2 A Importância Ambiental e Social de Hortas Comunitárias.....	14
2.3 Sustentabilidade Social e Agricultura Familiar.	15
3. METODOLOGIA.....	18
3.1 Tipos de dados	18
3.2 Instrumentos de pesquisa	18
3.3 Coleta dos dados	19
3.4 Tratamento e análise dos dados coletados	20
3.5 Delimitação da pesquisa	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	22
4.1 Comparação entre os dados de acordo com a localização da Horta	31
4.2 Comparação entre os dados da pesquisa atual e dados obtidos em pesquisas de outros autores	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
6. BIBLIOGRAFIA	40
7. ANEXO	42

1. INTRODUÇÃO

O projeto das hortas comunitárias na cidade de Palmas, capital do estado do Tocantins, foi implementado em 1992 pela Prefeitura Municipal de Palmas, vinculado à Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Rural. A Prefeitura incentivou o cultivo das hortas comunitárias em pontos estratégicos, de norte a sul da cidade, com a finalidade de aumentar a oferta de alimentos e melhorar as condições de vida de grupos em vulnerabilidade econômica. Além do cultivo de vegetais e legumes, também se encontram o cultivo de frutas e plantas medicinais. Atualmente, o programa conta com 17 hortas e beneficia aproximadamente mais de 300 famílias (PREFEITURA DE PALMAS, 2013 *apud* SOUZA; NASCIMENTO, 2013).

As hortas são desenvolvidas pela própria comunidade, onde o local é cedido e apoiado pelo órgão da administração pública de Palmas. Dentre os objetivos relacionados às hortas comunitárias temos:

a) melhor aproveitamento de espaços ociosos, evitando o acúmulo de entulhos e lixo ou o crescimento desordenado de plantas daninhas, o que poderia servir de abrigo para animais peçonhentos ou outros animais prejudiciais à saúde; b) desenvolvimento local, com a valorização da produção de alimentos e de outras plantas úteis, como plantas medicinais, fortalecendo assim a cultura popular; c) a segurança alimentar, o que favorece o controle de todas as fases da produção; d) formação de microclimas e manutenção da biodiversidade, proporcionando um ambiente mais favorável com sombreamento, manutenção da umidade e odores agradáveis; e) escoamento de águas das chuvas e diminuição da temperatura, devido a infiltração de água no solo e ampliação da área vegetal; f) diminuição da pobreza, através do consumo de alimentos próprios; g) renda, através da produção em escala comercial (ARRUDA, 2006 *apud* SOUZA; NASCIMENTO, 2013).

As hortas comunitárias são de grande importância para a população, visto que o excedente é comercializado, gerando assim renda complementar a família; Além disso, melhoria na qualidade da alimentação, através do consumo de alimentos saudáveis e serve como terapia ocupacional e observa-se a inclusão social nos momentos de relacionamentos entre os beneficiários (SOUZA; NASCIMENTO, 2013).

1.1 Justificativa

No Município de Palmas - TO, existem 17 hortas comunitárias, sendo que mais de 400 famílias participam do Programa Horta Comunitária em diferentes regiões da Capital. O programa possui duas funções essenciais, o aumento da oferta de alimentos nutritivos na mesa destas famílias e a geração de renda com a venda do excedente. A seleção dos participantes observa indicadores socioeconômicos e elementos como idade, tendo por isso a participação de muitos idosos no programa, o que o torna um importante fator de inclusão social e terapia ocupacional.

A opção pelo tema ocorreu em virtude da necessidade de colocar em prática os conhecimentos obtidos em sala de aula nas disciplinas de Gestão da Qualidade, Agricultura familiar, Olericultura e Sociologia e Extensão Rural, e consequentemente buscando expor de maneira acadêmica como funciona o projeto das Hortas Comunitárias, podendo assim contribuir com uma melhor divulgação dos conhecimentos obtidos.

1.2 Problemática:

Que mudança o Projeto Horta Comunitária gera na vida dos produtores?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Realizar um levantamento da situação atual das hortas Comunitárias no Município de Palmas

1.3.2 Objetivos Específicos

- Realizar uma revisão bibliográfica sobre a Importância Ambiental e Social de Hortas Comunitárias;
- Identificar o perfil sócio econômico dos produtores;

- Comparar dados das hortas comunitárias com dados de outras hortas

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A olericultura no processo de geração de renda na agricultura familiar.

A característica mais geral e marcante da olericultura é o fato de ser uma atividade altamente intensiva, em seus mais variados aspectos, em contraste com outras atividades agrícolas, extensivas, como a produção de grãos. (FILGUEIRA, 2000). Projetos como o de horta comunitária não foge à regra quanto à intensiva atividade de trabalhadores no programa.

É notória a utilização intensiva de mão-de-obra rural, certamente acarretando significativos benefícios do ponto de vista social, o que contribui para diminuir o desemprego – um dos problemas da economia globalizada de nosso tempo. (FILGUEIRA, 2000).

Conceitualmente a olericultura é o ramo da horticultura que explora espécies de plantas, comumente chamadas de hortaliças. No Brasil, a olericultura evoluiu mais acentuadamente a partir da década de 40, durante a 2ª Guerra Mundial. Existindo apenas pequenas explorações diversificadas, nos arredores das cidades, e estas com o passar do tempo acabaram evoluindo de uma pequena horta para uma exploração comercial com características bem definidas.

De acordo com Carrapeiro (2012) a origem da palavra olericultura vem do latim *olus* (hortaliça) e *colere* (cultivar) sendo então utilizado para denominar o cultivo de plantas de consistência herbácea.

Já Ferraço (2003) afirma que a olericultura é o ramo da horticultura que abrange a exploração de um grande número de espécie de plantas, conhecidas como hortaliças e que engloba culturas folhosas, raízes, bulbos, tubérculos e frutos diversos.

Filgueira (2000) diz que a olericultura é uma terminologia técnico-científica empregada no meio agrônômico que se refere ao estudo e cultivo das culturas oleráceas, que são espécies vegetais de consistência tenra, ciclo biológico curto, exigentes em tratos culturais intensivos e, modo geral, cultivadas em pequenas áreas.

As hortas familiares são sistemas de produção desenvolvidos em pequenas parcelas ao redor das casas pelos membros do agregado familiar. E as hortas

comunitárias incorporam a participação ativa da comunidade sendo desenvolvidas por conjuntos de famílias que assumem uma gestão compartilhada.

A diversificação da produção através das hortas é uma estratégia de superação da pobreza e promoção da segurança alimentar, pois permite dispor de alimentos diversificados ao longo de todo o ano que podem ser vendidos nos mercados locais, porém, é importante assegurar que o objetivo das hortas dever ser, em primeiro lugar, assegurar o autoconsumo e as necessidades de alimentação das famílias, em particular das crianças e mulheres grávidas, só posteriormente ser considerado seus objetivos econômicos de venda da produção (IEH, 2010).

O IEH (2010) afirma que a importância das hortas familiares, hoje, não diz respeito apenas ao meio rural, pois, nas tendências atuais é visto que 50% da população global se concentram nas cidades, sendo por esse motivo que a agricultura urbana está entrando cada vez mais na agenda política como uma importante estratégia de superação da pobreza e promoção da segurança alimentar.

Segundo Junqueira (2012) as hortaliças na alimentação são tão importantes que a OMS coloca o baixo consumo de hortifrutícolas como um dos dez principais fatores de risco para a mortalidade e morbidade no mundo. Ainda em sua pesquisa a autora cita Silva (2009) que estima que o baixo consumo de hortifrutícolas seja responsável por cerca de 19% dos cânceros gastrointestinais, 31% da doença cardiovascular isquêmica e por 11% dos enfartes do miocárdio, e que potencialmente mais de 2,7 milhões de vidas podiam ser salvas todos os anos se cada pessoa consumisse porções adequadas de frutas, legumes e verduras (FLV).

E que apesar de todas essas evidências citadas por Junqueira (2012), relacionadas ao consumo de hortifrutícolas, o consumo desses alimentos é significativamente inferior ao recomendado (80 kg de FLV por habitante por ano). E isso ocorre tanto em países desenvolvidos como em países em desenvolvimento. Não é por outro motivo que a segurança alimentar coloca esse grupo de frutas e hortaliças como fonte mais acessível e sustentável de vitaminas, minerais, macro e micronutrientes, além de outros componentes indispensáveis para atividades orgânicas.

2.2 A Importância Ambiental e Social de Hortas Comunitárias

O projeto Hortas Comunitárias tem como objetivo aumentar a oferta de alimentos de elevado poder nutritivo e melhorar as condições de vida de grupos sociais em situação de insegurança alimentar, por intermédio da implantação de hortas, viveiros, lavouras e pomares comunitários em espaços disponíveis nas áreas comunitárias.

O projeto deve ser realizado pela comunidade, com suporte de órgãos de administração pública e/ou de entidades de assistência técnica agrícola. Toda produção destina-se ao consumo próprio da população local. O excedente deve ser comercializado, possibilitando a geração de trabalho, a ampliação de renda e a inclusão social. O projeto Hortas Comunitárias será executado sob forma de transparência voluntária de recursos não reembolsáveis, repassados pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome aos órgãos ou entidade da administração direta ou indireta dos governos estaduais, municipais ou do Distrito Federal, por meio da celebração de convenio ou contrato de repasse, desde que cumpridas todas as exigências estabelecido à existência de dotações orçamentárias e recursos financeiros. Quanto a escolha do local para a instalação das hortas comunitárias deve obedecer a critérios técnicos, Para assegurar o bom desenvolvimento ele deve: possuir espaço suficiente, ser arejado e ensolarado, ficar próximo à fonte de água permanente a ser protegido pelo trânsito de pessoas ou outro fator que dificulte o bom andamento das atividades previstas (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome, 2000).

Dessa maneira o projeto hortas objetiva promover ações que possibilitam a inserção de pessoas em uma atividade no qual lhe trata além de uma ampliação de renda a inclusão social, Esse tipo de projeto lança oportunidades para a mudança no comportamento levando a vontade da comunidade na melhoria da qualidade de vida e nomeio ambiente em que vivem, Obtendo assim geração de renda e qualidade de vida.

Para Almeida e Junqueira (2011) a importância da olericultura, enquanto atividade econômica é reconhecida por seu impacto social, gerando emprego e renda, em especial para o segmento familiar, e somando-se a isso, o ganho de espaço das hortaliças orgânicas graças à diversidade de espécies, à disposição dos consumidores, à melhoria dos produtos ofertados e principalmente o fato de se proporcionar hábitos de alimentações balanceadas e saudável.

As características das hortas geram efeitos multiplicadores positivos nos modos de vida das famílias mais vulneráveis, onde seus benefícios nutricionais, econômicos, ambientais e sociais melhoram as capacidades famílias para enfrentar os problemas e superar situações de pobreza e exclusão social.

Segundo estudos do IEH Instituto de Estudios del Hambre (2010) para além da produção direta de alimentos, as hortas geram outros produtos, tais como, condimentos, plantas medicinais, combustíveis, flores, mel, sementes, etc., que são importantes para o fortalecimento dos modos de vida e para a economia familiar e comunitária.

Para Junqueira (2012, p. 1) a agricultura orgânica representa:

Uma oportunidade de valorização da produção agrícola, principalmente de hortaliças, uma vez que existe demanda por esses produtos frescos, em particular nas grandes cidades. A agregação de valor que o sistema de produção acrescenta a esses produtos estimula a expansão da produção e garante a inserção em novos nichos de mercado. No entanto não basta ser orgânico para ter qualidade, o produto tem que ser um alimento com qualidade, isto é, no mínimo saudável - alimento sem resíduos de agrotóxicos, sem aditivos químicos (muito usados nos alimentos industrializados) e também sem contaminações microbiológicas prejudiciais a saúde humana. Por isso, de uma maneira geral, nota-se uma tendência em consumir alimentos frescos ("in natura") e, sempre que possível, produzidos de forma orgânica.

A produção orgânica de hortaliças é uma atividade que demanda recursos financeiros relativamente baixos, sobretudo para a produção familiar. Neste caso, os principais fatores limitantes são a falta de conhecimento técnico e a dificuldade de certificação do produto. Contudo, torna-se relevante destacar que, além de produção qualificada de alimentos, o agricultor e sua família promoverão a utilização sustentável da propriedade e ainda terão uma alimentação equilibrada, variada e garantida. Isso permite um auto-abastecimento do estabelecimento e gera um excedente que será comercializado a um preço mais favorável ao produtor (JUNQUEIRA, 2012).

2.3 Sustentabilidade Social e Agricultura Familiar.

A partir da década de 1980, o termo sustentabilidade começa a aparecer com muita frequência, tornando-se tema importante no debate social (DEPONTI et. al.,

2002). Deponti ainda coloca que, o conceito de desenvolvimento, possui longa história de construção, sendo ainda tema de debates e controvérsias.

O desenvolvimento sustentável é compreendido como uma forma de mudança social que acrescenta aos tradicionais objetivos de desenvolvimento o objetivo da obtenção da sustentabilidade ecológica (LELÉ, 1991 apud PINTO; RAMOS, 2008). Em geral, o desenvolvimento sustentável procura uma melhor qualidade de vida para todos, hoje e amanhã. É uma visão progressista que associa três aspectos chave para a sua concretização (BUCKINGHAM-HATFIELD; PERCY, 1999 apud PINTO; RAMOS, 2008): a justiça social, o desenvolvimento econômico e a proteção do ambiente.

A Agricultura familiar, atualmente, tem papel fundamental no equilíbrio da economia local e na manutenção da população no campo, por meio da produção de alimentos e geração de empregos e renda, tal produção é essencial para movimentar o comércio de pequenos e médios municípios e ocupar mão de obra, o que aumenta a importância da agricultura familiar para a segurança alimentar, além de fixar a população no interior e gerar emprego e renda. Assim, o espaço rural brasileiro passa a ter a agricultura familiar como elemento dinamizador de processos de desenvolvimento local e regional. O setor agricultura familiar costuma ser lembrado por sua importância na absorção de emprego e na produção de alimentos para consumo externo, o que, focaliza-se mais as funções de caráter social do que as econômicas, tendo em vista sua menor produtividade e incorporação tecnológica. Toda via, é necessário destacar que a produção familiar, além de fator redutor do êxodo rural e uma fonte de recursos e complementação de rendas para as famílias produtoras, também contribui expressivamente para a geração de riqueza, considerando a economia não só do setor agropecuário, mas do próprio país.

O agravamento do êxodo rural, assim como em todo o Brasil, conduziu à procura de alternativas de ocupação para as famílias recém-chegadas à capital, as quais não são absorvidas no mercado de trabalho. Sendo assim, faz-se necessário à implementação de políticas públicas a fim de reverter o efeito negativo produzido pelas altas taxas de crescimento populacional, pelo fluxo migratório campo/cidade e a baixa oferta de trabalho.

As hortas comunitárias têm como objetivo aumentar a oferta de alimentos de elevado poder nutritivo e melhorar as condições de vida de grupos sociais em situação de insegurança alimentar, por intermédio da implantação de hortas, viveiros, lavouras e pomares comunitários em espaço disponível nas áreas comunitárias. Esse tipo de empreendimento deve ser realizado pela comunidade, com suporte de órgão da administração pública e/ou de entidades de assistência técnica agrícola. Toda produção destina-se ao consumo próprio da população local. O excedente deve ser comercializado, possibilitando a geração de trabalho, a ampliação de renda e a inclusão social.

3. METODOLOGIA

Esse estudo classifica-se como descritivo de acordo com Gil (2002) porque esse visa descrever as características de determinada população e estabelecer possíveis relações entre variáveis. De acordo com seus objetivos esta pesquisa terá caráter exploratório e descritivo.

A estratégia utilizada foi o estudo bibliográfico e a revisão documental, primeiro por ser considerada por Prestes (2005) como “aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado”.

Também fizeram parte da pesquisa as entrevistas com produtores das hortas comunitárias de Palmas/TO. O que de acordo com a literatura podem ser classificadas como estruturada, semi-estruturada e não estruturada, portanto a que se encaixa nos termos e nas finalidades desse estudo é a semi-estruturada, pois nos dá a oportunidade de questionar apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam com o tema (TRIVIÑOS, 1987).

3.1 Tipos de dados

Esse estudo coletou dados primários para a sua execução. Os dados primários foram obtidos a partir das respostas que produtores das hortas comunitárias de Palmas/TO fornecidos por meio de entrevista (questionário anexo) elaborado para este fim. Após a coleta desses dados os mesmos foram tabulados e sequencialmente analisados.

3.2 Instrumentos de pesquisa

O instrumento de pesquisa utilizado para a coleta dos dados foi por meio de entrevista semi-estruturada com questões abertas. Estes tiveram uma parte que avalia o preparo dos envolvidos no processo de elaboração e cumprimento do orçamento.

As pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. As pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno. E uma das características mais significativas das pesquisas descritivas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2002).

O questionário abordou questões socioeconômicas como idade, gênero, nível de escolaridade, renda familiar; questões referentes às hortas: tipo de adubo utilizado, suporte da prefeitura, uso de agrotóxicos, comercialização dos produtos das hortas; questões entre outras como orientação quanto as medidas de higiene, manutenção.

Também foram observados os aspectos físicos das hortas tais como estrutura física, a divisão de canteiros, cobertura das hortas, presença de lixo nas mediações, limpeza de tanques utilizados para irrigação e tratamento de esgoto nas proximidades, através de fotos, anotações e análise visual do local. Os dados serão agrupados e analisados em forma de tabelas e gráfico.

3.3 Coleta dos dados

Os dados primários foram coletados entre Maio e Junho do ano de 2015, junto aos produtores das hortas comunitárias de Palmas/TO. Das 17 hortas comunitárias distribuídas no município 8 foram instrumentos da pesquisa, onde 5 produtores entrevistados em cada uma delas somando 40 entrevistados no total da pesquisa.

Quadro 01 - Endereços de todas as Hortas Comunitárias do Município de Palmas TO

Horta Comunitária	Endereço
Horta da 1006 Sul	APM 12
Horta da 1106 Sul	APM 05
Horta da 1206 Sul	APM 02
Horta da 303 Norte	APM 09
Horta da 307 Norte	APM 01
Horta da 405 Norte	APM 07
Horta da 407 Norte	APM 01
Horta da 605 Norte	APM 19
Horta do Aurenly III	APM 09-A
Horta do Aurenly IV	APM 08
Horta do Aurenly II	Centro da quadra
Sol Nascente	APM 01, Qd 32-B
Jardim Taquari	Qd T 31
Horta de Taquaruçú	Centro Comunitário
Horta de Taquaruçú II	Casa de Farinha
Horta St. Bela Vista	APM G, Qd 21-A
Horta do St. Maria Rosa	Centro da quadra

Quadro 02 - Endereço das hortas aonde o questionário foi aplicado.

Horta Comunitária	Endereço
Horta da 1106 Sul	APM 12
Horta da 1206 Sul	APM 02
Horta da 307 Norte	APM 01
Horta da 405 Norte	APM 07
Horta do Aurenly II	APM 09-A
Horta do Aurenly III	Centro da quadra
Horta de Taquaruçú	Centro Comunitário
Horta de Taquaruçú II	Casa de Farinha

3.4 Tratamento e análise dos dados coletados

As respostas coletadas por meio do questionário foram armazenadas em banco de dados. Do banco de dados, as informações foram transformadas em texto Word, para conferência prévia. E a seguir, todas as compilações e análises foram

compiladas de maneira fiel, e/ou parcial conforme importância para a apresentação final da monografia.

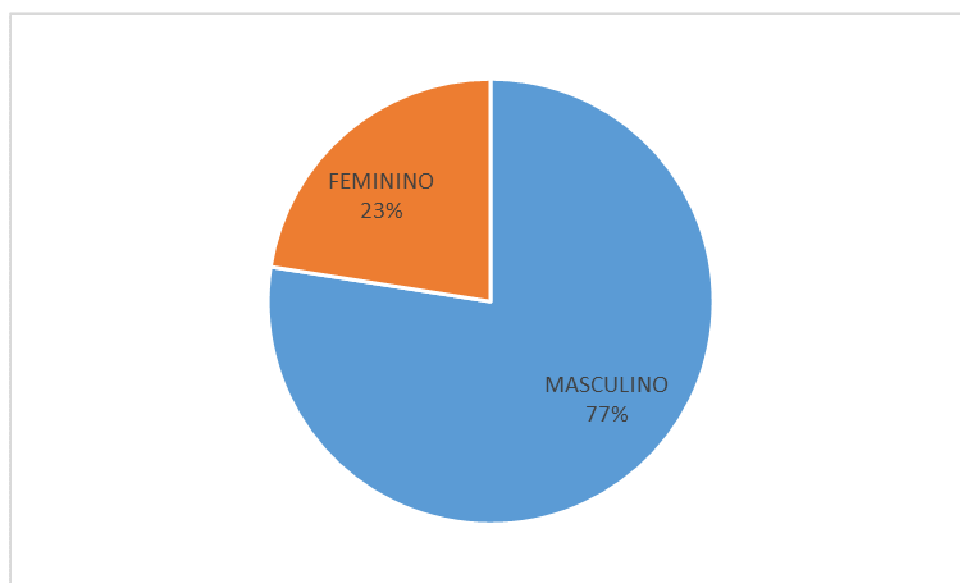
3.5 Delimitação da pesquisa

Embora se procure alcançar o maior rigor possível nas análises e procedimentos empregados na presente pesquisa, convém salientar que a utilização do método de estudo documental caracteriza-se incompleta, e sujeita a divergências por estar restrito à situação específica das hortas municipais de Palmas/TO.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre os produtores há o predomínio masculino, porém não se exclui a existência de produtoras do sexo feminino como se pode observar no Gráfico abaixo 01.

Gráfico 01: Frequência de gênero de acordo com produtores nas hortas comunitárias Palmas - TO

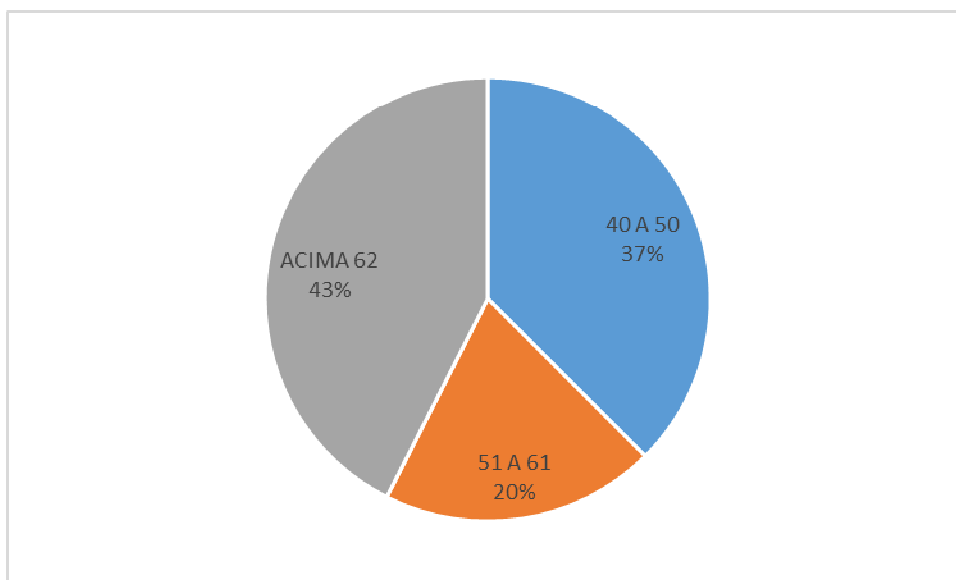


Fonte: Formulário próprio.

Dado esse que denota uma questão um tanto cultural, de ser o homem a trabalhar com a terra, e a mulher de ficar em casa com seus afazeres domésticos, porém como em todas as áreas está também é uma que nota a mudança com essa presença feminina da produtora nas hortas comunitárias.

Outro dado que chama atenção a respeito dos produtores das hortas comunitárias da cidade de Palmas é a faixa etária, que em todos os casos se encontra acima dos 40 anos de idade, não encontrando assim a presença da chamada força jovem, como se pode ver no gráfico 02.

Gráfico 02: Distribuição de produtores por faixa etária:



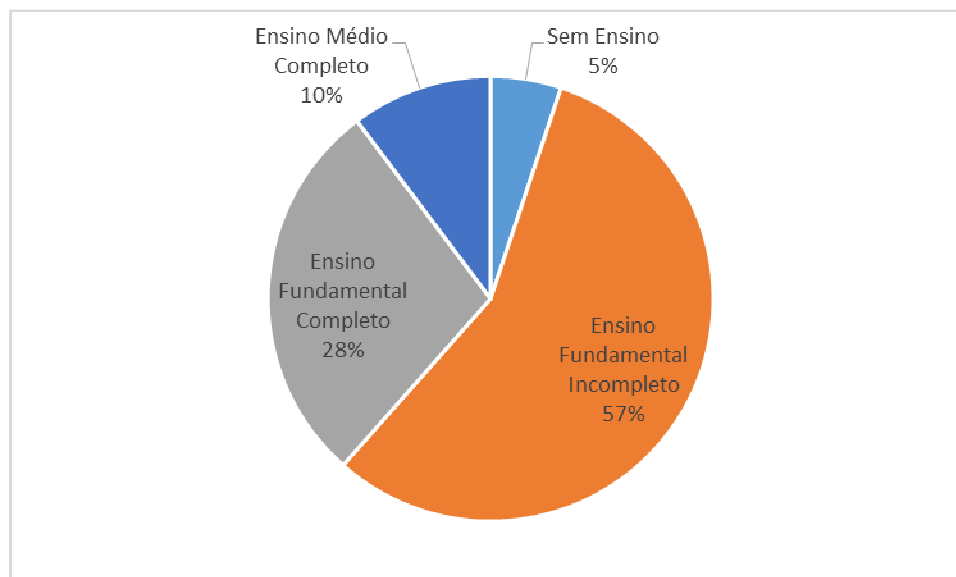
Fonte: Formulário próprio.

E nota-se mais especificamente que a grande maioria se encontra acima dos 62 anos, o que traz uma reflexão para a falta de oportunidades de trabalho para pessoas dessa idade e também por ser este um meio de complemento de renda para as pessoas que estão aposentadas, como se poderá ver mais adiante.

Fato esse que se soma a falta de investimento na qualificação profissional, pois é possível notar que o nível de escolaridade dos produtores é baixo tendo dentre eles poucos que concluíram o ensino médio, alguns que concluíram o ensino fundamental e a grande maioria os que não completaram o ensino fundamental, e ainda aqueles que nem se quem foram alfabetizados.

Estes dados podem ser observados no gráfico abaixo 03.

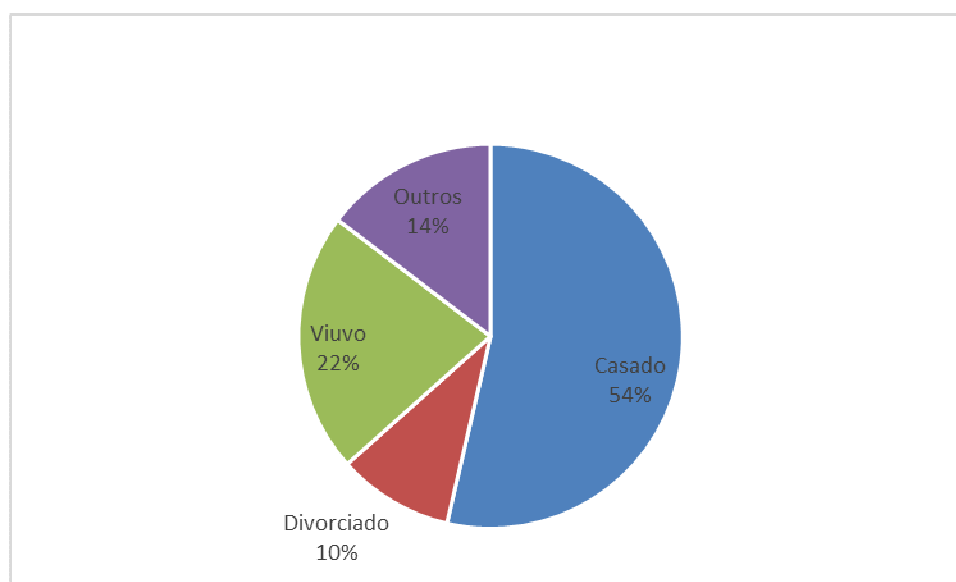
Gráfico 03: Distribuição de produtores por grau de escolaridade.



Fonte: Formulário próprio.

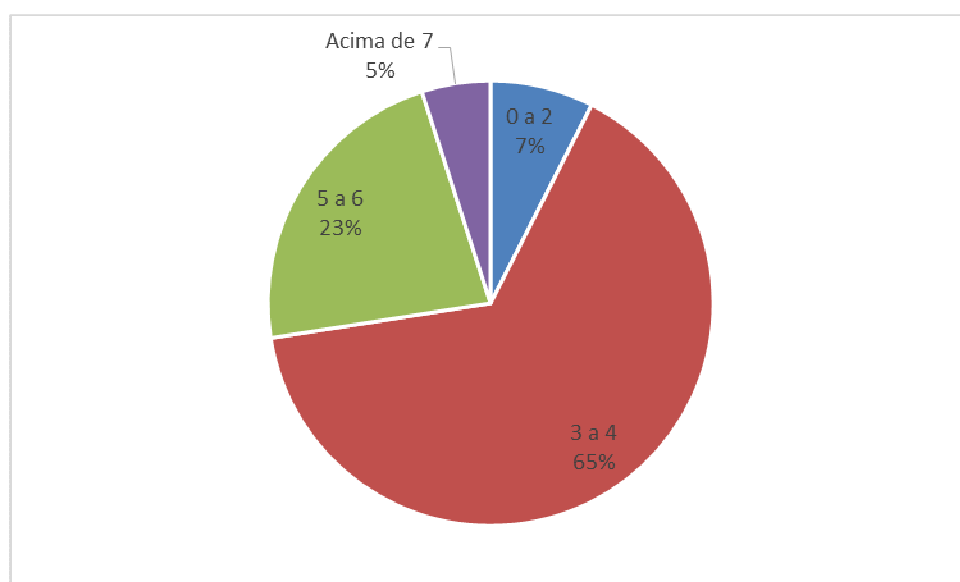
Outro dado que pode ser observado no gráfico 04 através das entrevistas realizadas é que a grande maioria dos produtores são casados ou possuem união estável como são o caso dos que declararam outros, existem também os viúvos, o que pode-se perceber também pelo elevada faixa etária e uma pequena parte é divorciada.

Gráfico 04: Distribuição de produtores por estado civil.



Um dado que também chama a atenção no gráfico 05 é a quantidade de filhos de cada produtor pois em sua grande maioria possuem acima de três filhos chegando até seis filhos, tendo aqueles que tem até sete filhos, e ainda assim percebe-se que a faixa etária dos produtores é alta o que demonstra que os mesmos podem estar realizando essas atividades como maneira de complementar a renda doméstica para que os filhos não tenham que se dedicar ao mesmo tipo de atividade, mas que se dediquem a estudos e outras atividades, porém este ponto é apenas especulativo.

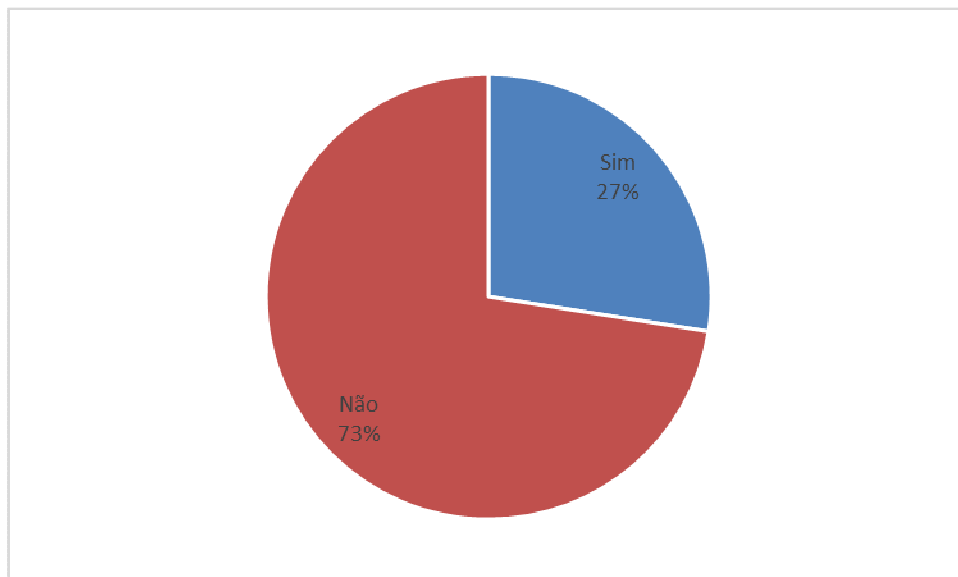
Gráfico 05: Frequência de filhos por produtor entrevistado.



Fonte: Formulário próprio.

A atividade na horta é usada para complementar a renda familiar, não sendo, portanto, a principal fonte de renda dos produtores entrevistados, onde a grande maioria é aposentada, ou recebe algum tipo de benefício, ou realiza alguma outra atividade, fato que demonstra que apesar de ser uma atividade de grandes benefícios não só para a saúde de quem compra como para apoio da renda de quem produz, os ganhos ainda são insuficientes para ser uma atividade de dedicação exclusiva. Como se pode notar no gráfico abaixo 06.

Gráfico 06: Produtores em que a renda depende diretamente da horta comunitária.

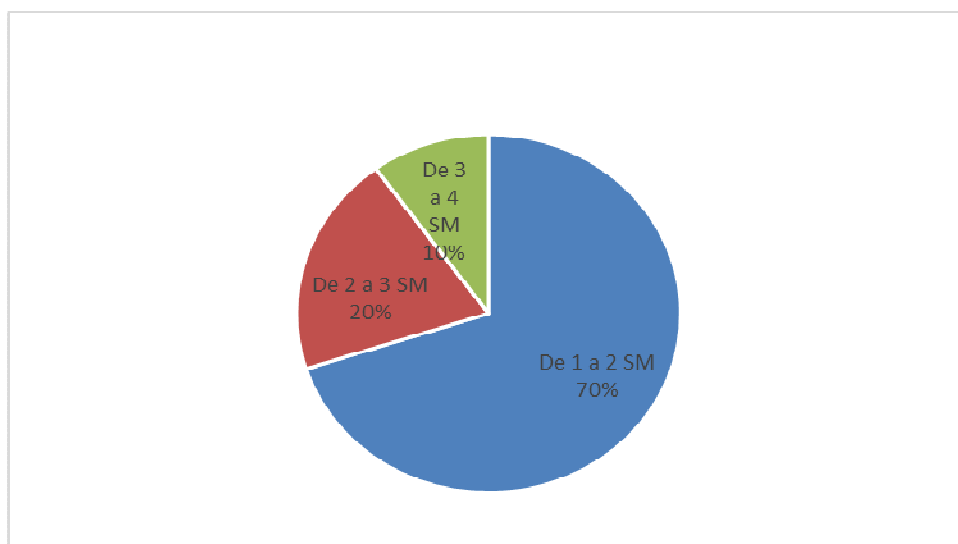


Fonte: Formulário próprio.

Neste caso se pode observar que 73% dos entrevistados tem outra fonte de renda além da horta, o que deixa a pergunta: “o projeto horta comunitária está tendo os benefícios financeiro? ”

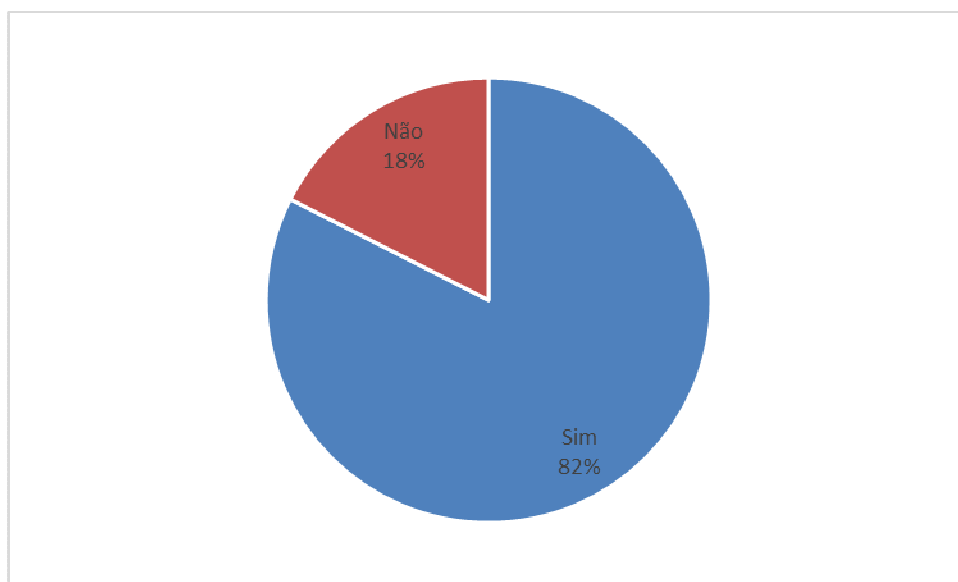
O gráfico 07 abaixo demonstra a renda familiar das famílias dos produtores das hortas comunitárias entrevistadas:

Gráfico 07: Renda familiar dos produtores.



Através do gráfico 07 verifica-se que 70% dos entrevistados vive com 1 a 2 salários mínimos. E ao se refletir que 73% dos mesmos recebe algum tipo de benefício, pode-se concluir que os mesmos estão tirando da horta comunitária apenas 1 salário mínimo, o que demonstra a necessidade de uma melhor assessoria técnica para aumentar os ganhos com a produção.

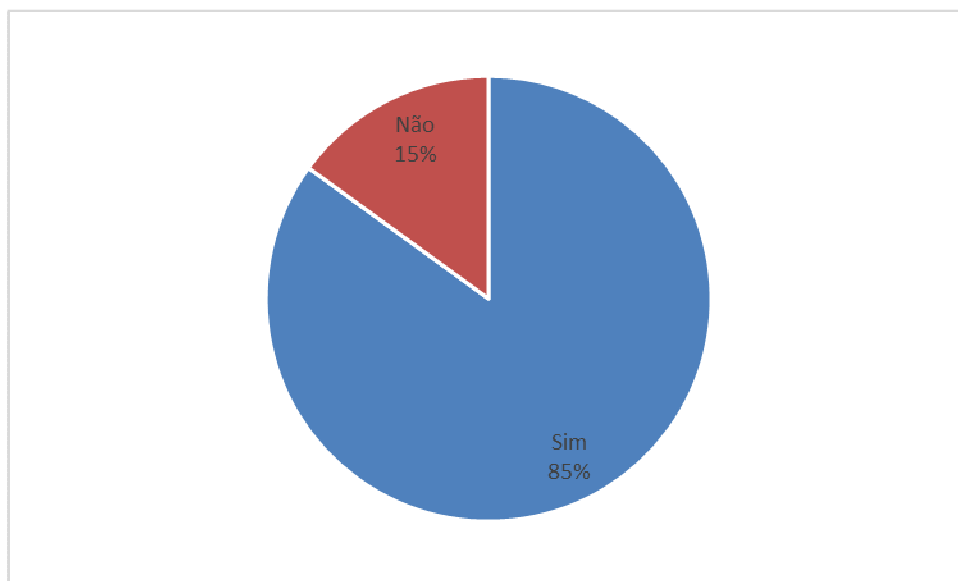
Gráfico 08: Percentual de produtores em que o valor do produto cobre o custo de produção.



Fonte: Formulário próprio.

No gráfico 08 acima se pode observar que o valor do produto cobre os gastos do custo de produção, porém o que não fica claro como já avaliado anteriormente é se o valor restante é o referente a aproximadamente 1 salário mínimo, ou se nesse ponto o valor final ficaria ainda menor como lucro.

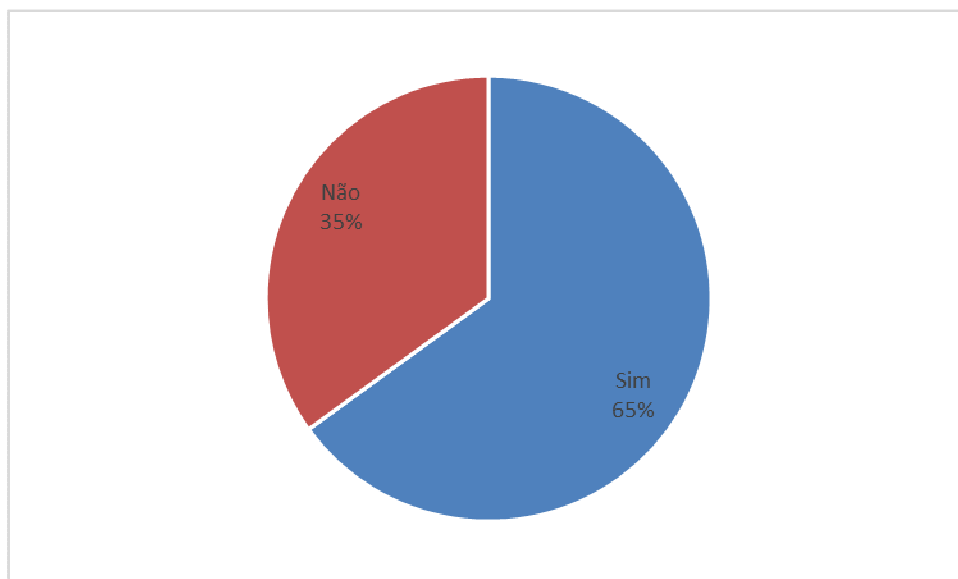
Gráfico 09: Índice de competitividade dos alimentos produzidos nas hortas comparados aos demais locais de comercialização.



Fonte: Formulário próprio.

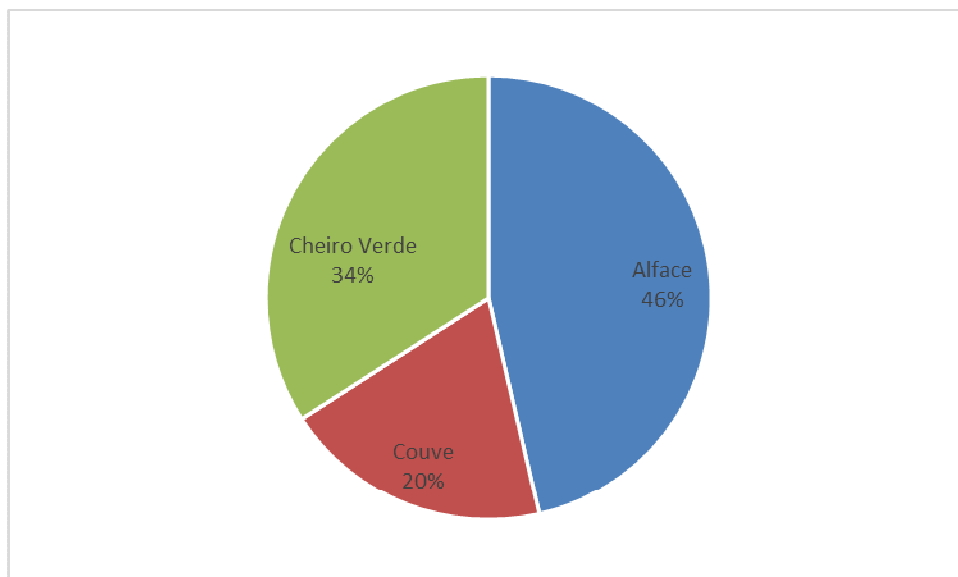
No gráfico 09 tem-se ainda que a grande maioria dos produtores acreditam que seu produto tenha valor de competitividade com os demais produtos vendidos no mercado municipal.

Gráfico 10: Índice de satisfação quanto a infraestrutura disponível na horta.



Porém no quesito infraestrutura (gráfico 10) apesar de se ver que 65% destes produtores afirmam que estão satisfeitos com seu local de trabalho, vê-se um numero grande de insatisfeitos, principalmente em relação à materiais de proteção individual.

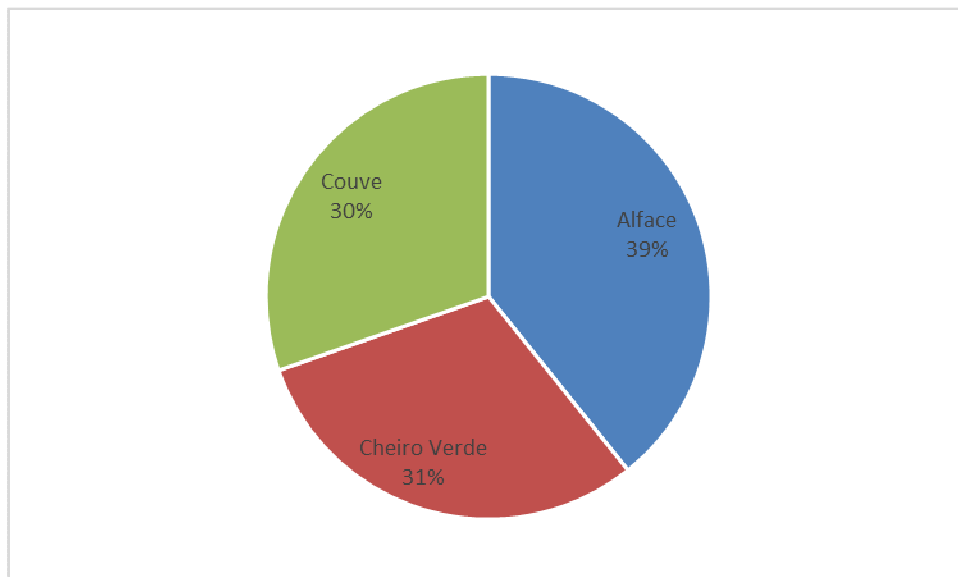
Gráfico 11: Relação dos produtos mais consumido/comprado pelo consumidor.



Fonte: Formulário próprio.

Observa-se no gráfico 11 que o produto mais produzido é o mais vendido/consumido, como está explícito tanto no gráfico 11 como no gráfico 12. E os outros dois produtos também seguem a mesma sequência, estando em primeiro lugar a alface, em segundo o cheiro verde (englobando cebolinha, salsa e coentro) e em terceiro a couve. O que mostra que os produtores demonstram controle de produção e experiência em cultivar o que mais se vende, o que favorece não só a questão de se ter produto em estoque, como também de se cultivar em maior escala o que mais se faz necessário para sua comercialização, porém foi possível observar que alguns produtores, não produzem a alface, o que por ser um dos itens mais vendidos deveria ser melhor aproveitado por todos eles. E levanta o questionamento sobre a assessoria prestada pela prefeitura, não só a nível técnico, como também a nível de empreendedorismo, para auxiliar os mesmos a terem uma produção mais competitiva no mercado.

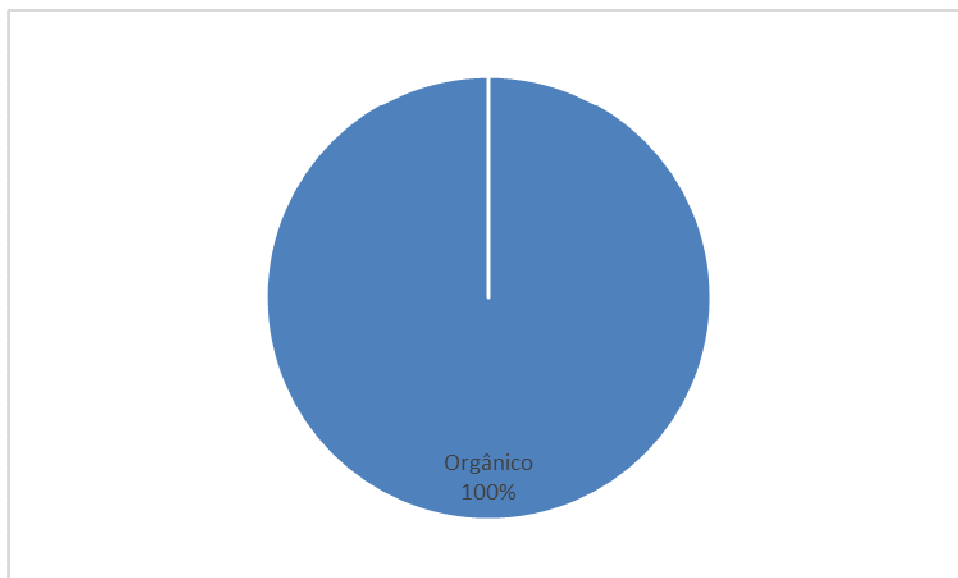
Gráfico 12: Relação dos produtos mais produzidos nas hortas.



Fonte: Formulário próprio.

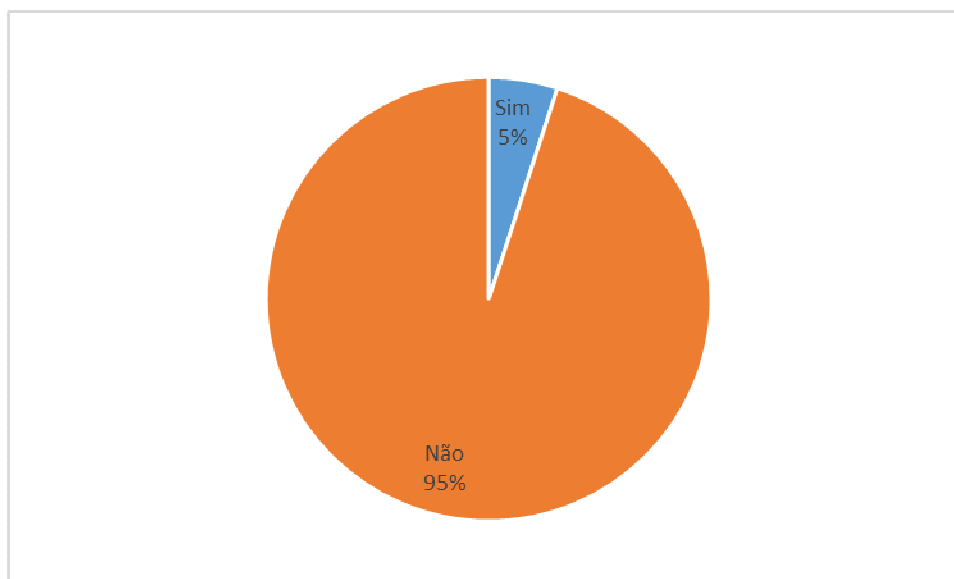
O gráfico 13 mostra que todos os produtores das hortas comunitárias fazem uso do adubo orgânico. O que favorece a continuidade da produção, pois os mesmos afirmam manter a terra livre de químicos.

Gráfico 13: Resultado do tipo de adubo mais utilizado pelos produtores.



Porém há aqui um contraste com o gráfico anterior, onde todos afirmam ter uma produção 100% orgânica e observa-se no gráfico 14 que 5% dos entrevistados fazem uso de agrotóxicos o que descaracteriza a produção orgânica. E traz malefícios não só a cultura das hortas comunitárias que estão em volta das que se utilizam de químicos, pois sabe-se que estes produtos podem contaminar o solo, e também serem dispersados pelo ar. Como também trazem malefícios a saúde de quem os consome, pois ao comprar um produto acreditando ser 100% orgânico o consumidor não se previne contra os risco da presença de químicos em suas hortaliças, e há ainda o risco à saúde dos produtores, pois como foi possível verificar, os mesmos não possuem Equipamentos de Proteção Individual, o que traz risco de intoxicação e envenenamento por agrotóxicos, acarretando até risco de vida para quem faz uso do mesmo.

Gráfico 14: Resultado da utilização de agrotóxicos na produção.



Fonte: Formulário próprio.

4.1 Comparação entre os dados de acordo com a localização da Horta

O estudo foi dividido em cinco produtores de cada região, para melhor avaliar as hortas do município de Palmas/TO. Sendo 5 da quadra 405 norte, 5 da

quadra 307 norte, 5 da quadra 1206 sul, 5 da quadra 1206 sul, 5 do Bairro Aurenny II, 5 do Bairro Aurenny III e 10 em Taquaruçu, (5 do Taquaruçu e 5 de Taquaruçu II).

Se divididos por setores tem-se que 10 entrevistados são da Região Norte, 20 da Região Sul e 10 do Distrito de Taquaruçu, o que demonstra que a maior parte dos entrevistados e da produção de hortaliças de Palmas está concentrada na Região Sul da cidade.

Tendo na Região Norte a predominância masculina com 70% dos entrevistados, na Região Sul e no Distrito de Taquaruçu a prevalência de 80% do sexo masculino. A faixa etária nas regiões pode-se observar que na Norte 50% é de 40 a 50 anos, 20% de 51 a 61 e 30% acima de 62 anos; no caso da Região Sul tem-se que 40% estão na faixa de 40 a 50 anos, 20% na faixa de 51 a 61 e 40% acima de 62 anos.

No que tange a escolaridade, pode-se retratar que a Região Norte e o Distrito apresentam dados iguais onde 10% concluíram o ensino médio, 20% o fundamental e 70% possuem o ensino fundamental incompleto, já na Região Sul tem-se que 10% não possui estudo algum, 40% o ensino fundamental incompleto, 40% concluíram o ensino fundamental e 10% concluíram o ensino médio.

O estado civil dos produtores na Região Norte é de 20% em união estável, 60% casado, 10% divorciado e 10% viúvo; Na Região Sul 10% união estável, 50% casado, 10% divorciado e 30% viúvos e no Distrito 20% união estável, 50% casados, 10% divorciado e 20% viúvo.

Em relação aos filhos menores de 18 anos, nas três regiões estudadas a maior percentagem é de 3 a 4 filhos, porém na região sul está o maior índice de famílias com 5 a 6 filhos contando com 35%.

Os índices também coincidem no que tange a atividade na horta não ser a principal fonte de renda dos produtores das três regiões, estando o maior índice presente na região norte e na região sul com 80% e nos distritos o índice estando na casa dos 70% dos produtores que tem outra renda além da produção nas hortas comunitárias, como visto anteriormente em sua maioria aposentados e portadores de algum tipo de benefícios.

Na Região Norte os produtores possuem em sua maioria (70%) a renda entre 1 a 2 salários mínimos, na Região Sul visualiza-se o mesmo percentual para a renda de 1 a 2 salários mínimos, diferenciando-se que na primeira o percentual de 2 a 3 salários mínimos é de 20% e o de 3 a 4 fica em 10% e na segunda se invertem esses percentuais. E nos distritos repete-se o percentual da região Norte.

Na Região Norte 70% dos entrevistados afirmam que o valor do produto cobre o custo da produção; já na região sul esse número sobe para 80% e nos Distritos o valor chega aos 90%. Em todas as regiões os valores do produto são considerados competitivos pela maioria dos produtores, sendo que na Região Norte 70% responderam positivamente o questionário; na região sul 85% disseram que o valor é competitivo e nos distritos os produtores que tiveram uma resposta positiva foram de 90%.

Sobre o nível de satisfação com a infraestrutura oferecida pelo local e pelo projeto, o que engloba o apoio da prefeitura, na Região Norte 80% estão satisfeitos, na Região Sul o número de satisfeitos diminui para 70% e nos distritos o número de satisfeito com a infraestrutura encontrada nas hortas comunitárias ainda mais (50%).

Em relação ao questionamento sobre qual o produto mais consumido/comprado pelo consumidor na Região Norte está dividido em 20% couve, 40% cheiro verde e 40% Alface, na Região Sul os valores são 20% couve, 40% cheiro verde, 50% alface, sendo que nessa região há alguns produtores que afirmam vender bem tanto alface quanto cheiro verde o que faz com que os valores ultrapassem os 100% e nos distritos a produção está dividida em 10% couve, 30% cheiro verde e 40% Alface, sendo que 20% dos entrevistados dessa região não responderam a essa questão.

Já em relação ao plantio dos produtos pode-se observar analisando os questionários que 40% dos produtores da Região Norte tem o plantio exclusivo de alface e apenas 20% do total destes não utilizam o terreno para a plantação de alface, mas sim apenas de cheiro verde e de couve, porém os 40% demais fazem o plantio das três hortaliças, no caso da Região Sul 70% produzem alface e outras hortaliças e apenas 30% produzem somente cheiro verde e couve, já nos distritos 80% produzem

alface e outras hortaliças, tendo 20% com produção exclusiva de alface e 20% que não produzem alface.

Como já foi citado anteriormente 100% dos produtores faz uso de adubo orgânico, porém 5% fazem uso de agrotóxicos, e estes que fazem uso do agrotóxico estão divididos entre a Região Norte e os Distritos, sendo 10% do valor total de cada região.

Sobre o apoio oferecido pela prefeitura na Região Norte está o fornecimento de água e de assistência técnica e fiscal como os mais citados pelos produtores, na Sul estão a água, a assistência técnica e o terreno, e nos distritos a água e a assistência técnica.

4.2 Comparação entre os dados da pesquisa atual e dados obtidos em pesquisas de outros autores

Pode se notar já nos primeiros dados obtidos nesta pesquisa referente a gênero é diferente das demais pesquisas, em Palmas obteve-se que 77% dos entrevistados são do sexo masculino, contrastando com a pesquisa de Ottmann et al. (2010) que registrou em sua pesquisa apenas 6% dos homens trabalham nas hortas, igual diferença apresentada na pesquisa de Monteiro e Monteiro (2006) em Teresina que mais de 62% dos entrevistados são do sexo feminino.

Em relação às idades também pode-se notar o contraste, que enquanto na atual pesquisa se obteve que a maioria dos entrevistados esta acima de 62 anos, na pesquisa de Ottmann et al. (2010) as faixas etárias mais freqüentes estão entre 35 a 55 anos, e na de Monteiro e Monteiro (2006) 65% estão acima de 46 anos, comprovando assim que a atividade nas hortas apesar de terem algumas diferenças etárias em todas há a mesma freqüência da não participação da população jovem.

Mostrando a mesma freqüência nas três pesquisas estão que a renda familiar não é exclusiva da produção das hortas, tanto em Palmas quanto nas pesquisas dos outros autores a maioria dos entrevistados ou trabalham em outras atividades ou dependem de outras rendas para o sustento da família.

As pesquisas permitem constatar que em Palmas 70% dos produtores vivem com uma renda de um a dois salários mínimos, na pesquisa de Ottmann et al.

(2010) não é citado valores, e na de Monteiro e Monteiro (2006) 80,42% dos horticultores percebem apenas um salário mínimo com seu trabalho nas hortas comunitárias, o que demonstra a necessidade dos mesmos em não se ater somente a horticultura.

Em relação à escolaridade em todas as pesquisas é possível se notar o baixo nível educacional dos entrevistados, onde em todas as pesquisas a maioria dos entrevistados não possui o ensino fundamental completo, Ottmann et al. (2010) traz em sua pesquisa que apenas 21,5% concluíram o segundo grau e Monteiro e Monteiro (2006) afirma que 33,3% de seus entrevistados são analfabetos, o que para o autor dificulta seu ingresso no trabalho formal, deixando assim como única opção o acesso as hortas a nível informal.

Enquanto em Palmas não há relato pelos produtores da participação da família na produção e no trabalho nas hortas comunitárias, Ottmann et al. (2010) traz que 50% trabalham na horta e em casa e Monteiro e Monteiro (2006) afirmam 68,37% dos horticultores trabalham principalmente com filhos e cônjuges, o que mostra que em Palmas ainda não se criou a cultura familiar, ou ainda que os mais jovens estão buscando outros meios para se profissionalizar, por ser está uma baixa fonte de renda.

Outro numero interessante é o numero de filhos enquanto em Palmas está em sua maioria entre 3 a 4 filhos (65%), Ottmann et al. (2010) diz que em seu estudo o número de filhos é de 3, e Monteiro e Monteiro fala apenas da participação dos mesmos na produção, mas não cita dados específicos.

Ottmann et al. (2010) afirma que todo novo produtor, ao se cadastrar no programa de hortas comunitárias que fizeram parte de sua pesquisa, recebem as instruções de como realizar o plantio, cultivo e principalmente a irrigação, que deve ser manual (regador) e na altura do chão. Já Monteiro e Monteiro (2006) trazem em sua pesquisa que eles puderam observar com a investigação, a pouca capacitação dos horticultores, na medida em que 68,33% destes não participaram de cursos e/ou palestras sobre a atividade desde a inserção no Programa. Todavia, dos 76 participantes de algum curso ou palestra, 81,58% afirmaram que o treinamento direcionou-se para o manejo das hortas, principalmente no início das atividades, 6,58% discutiram associativismo e, por fim, 11,84% debateram outros temas. E que a partir

das informações obtidas na pesquisa, assevera-se que a Prefeitura, enquanto órgão gestor, responsabilizou-se por 84,21%, seguida pelo SEBRAE, com 10,53% e pela UFPI, com 5,26% do total dos cursos e/ou palestras ministradas, essencialmente na Horta Geovane Prado, situada na zona Leste da cidade. O que contrasta grandemente com 100% dos produtores entrevistados por este estudo, onde nenhum cita nenhum preparo prévio, ou curso de capacitação realizado nem pela prefeitura, nem pelo SEBRAE, nem pelas universidades presentes na cidade, o que demonstra uma falha na estrutura do projeto do Município de Palmas, pois o produtor é deixado a mercê de seus conhecimentos próprios e de algumas assistências realizadas por um técnico, sem o devido preparo para a produção, cultivo, venda, entre outros fatores que poderiam transformar estes em pequenos empreendedores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pressupostos que balizaram a construção desse trabalho permitiram tecer uma análise sobre o modelo do projeto das hortas comunitárias na cidade de Palmas.

Essa análise, focada no alcance dos objetivos propostos, nos permitiu:

1. Desenvolver uma breve análise de algumas teorias que tratam da da oleicultura e das hortas comunitárias;
2. Descrever a importância da questão pequeno produtor, das hortas comunitárias e da geração de renda;
3. Dissecar os objetivos das hortas comunitárias no município de Palmas – TO, trazendo o número de hortas comunitárias e a quantidade de famílias beneficiadas por este programa;
4. Esclarecer a importância social e ambiental das hortas comunitárias;
5. Tecer uma análise o perfil sócio econômico dos produtores; e
6. Realizar um estudo comparativo entre os dados das hortas comunitárias com dados de outras hortas.

Isso se mostrou importante à medida que o trabalho realizado pode ser adotado para estudos de órgãos e entidades públicas de todas as esferas de governo, no tocante à participação da comunidade na produção primária, e no que tange aos projetos de hortas comunitárias.

Esses estudos, em última análise, podem tratar aspectos importantes desse trabalho como forma de encontrar soluções para melhoria do projeto no setor público, são exemplos de temas que podem ser abordados os seguintes:

1. Delineamento dos processos de planejamento, elaboração e execução do projeto das hortas comunitárias;
2. Modelos de padronizados de atendimento, capacitação, preparo dos produtores das hortas comunitárias;
3. Viabilidade do crescimento do Ensino Técnico-Profissionalizante destes pequenos produtores;

4. Análise do custo da apoio Técnico-Profissionalizante para estes produtores com vistas a capacitação e preparo destes como novos empreendedores;
5. Gastos com pessoal no setor público brasileiro;
6. Reorganização dos produtores das hortas comunitárias para maior envolvimento familiar, e expansão da produção;
7. A efetividade do sistema de custos adotado pelo Governo Municipal no que tange aos benefícios proporcionados aos produtores, para que haja igualdade e equidade de distribuição dos recursos.

Observa-se que ao se analisar os dados obtidos por esta pesquisa, foi verificado que no Município de Palmas ainda há muito que evoluir no preparo e capacitação desde pequenos produtores, pois se nota que em outros municípios estudados há uma maior participação da prefeitura, do SEBRAE e até de universidades junto com os participantes do projeto horta comunitária, fato que não foi citado em nenhum dos questionários dos produtores deste estudo.

Vê-se também a necessidade de uma maior fiscalização por parte dos órgãos de vigilância do município para o uso de agrotóxicos que contaminam o solo e podem levar a problemas de saúde não só dos produtores, mas dos consumidores, e o que deveria ser investimento em produtos orgânicos acaba como um risco para a saúde pública em geral. Deixando-se notar também a respeito atuação a nível municipal que deixa a desejar pois, mesmo que os órgãos municipais tenham a preocupação de promover ações voltadas para o bem-estar socioambiental, ainda não se vê efetivamente sua atuação na criação de projetos de políticas públicas para coibir o uso indiscriminado de produtos químicos (agrotóxicos) em projetos que deveriam ser acompanhados pelos mesmos.

E, portanto, mesmo que este estudo tenha esclarecido diversos pontos a respeito das hortas comunitárias, notou-se que ainda há muitas perguntas que surgem deste estudo, o que leva a necessidade de um estudo posterior mais aprofundado a respeito do tema, além de existir a necessidade de se melhorar o questionário efetuado para qualificar melhor o projeto neste município. Pois o mesmo demonstrou ter falhas graves, como é o caso dos agrotóxicos, e também falhas no que tange a capacitação, que não ficou claro, se não há o fornecimento da mesma ou se os

entrevistados apenas não citaram por haver falha no questionário elaborado. Mas, contudo, este estudo é de grande valia para se nortear estudos posteriores e até mesmo para a melhoria do projeto de hortas comunitárias deste município.

BIBLIOGRAFIA

CARRAPEIRO, Sérgio L. **Geração de emprego e renda na agricultura familiar no município de Cambará (PR), traves da olericultura.** Rio Grande do Sul, RS, 2012

DEPONTI, C. M. et al. Estratégia para construção de indicadores para avaliação da sustentabilidade e monitoramento de sistemas. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável.** Porto Alegre, v. 3, n. 4, out./dez. 2002.

FERRAÇO, Ricardo de Rezende – **Olericultura.**

Disponível em: <http://www.incaper.es.gov.br/pedeag/setores07.htm> Acesso em: 05/02/2016.

FILGUEIRA, F. A. R. **Novo Manual de Olericultura:** agrotecnologia moderna na produção e comercialização de hortaliças. Viçosa, MG: UFV, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002, 44 p.

IEH. Instituto de Estudos del Hambre. **Hortas Comunitárias, Escolares e Familiares.** Disponível em: <http://ieham.org/html/docs/Boletim_TS_7_Hortas_PT.pdf> Acesso em: 05/02/2016.

JUNQUEIRA, Ana Maria Resende. **A participação da agricultura familiar na produção de hortaliças e o mercado dos orgânicos.** Disponível em: <<http://www.abhorticultura.com.br/biblioteca/Default.asp?id=7751>> Acesso em: 05/02/2016.

MONTEIRO, Maria do Socorro Lira; MONTEIRO, Juliana Portela do Rego. **Hortas comunitárias:** agricultura familiar e desenvolvimento local sustentável na zona urbana de Teresina. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/930.pdf>> Acesso em: 05/02/2016.

OTTMANN, Michelle Melissa Althau et al. **Impactos ambientais e sócio-econômicos das hortas comunitárias sob linhas de transmissão no bairro Tatuquara, Curitiba, PR, Brasil.** Disponível em: <http://orgprints.org/25044/1/Ottmann_Impactos.pdf> Acesso em: 05/02/2016.

PINTO, R. F.; RAMOS R. A. R. **Viabilidade ambiental de hortas urbanas: o caso de Braga, Portugal.** 2009. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18434/1/436.pdf>> Acesso em: 05/02/2016.

PRESTES, L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico.** 3 ed. Respel: São Paulo, 2005.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. **Metodologia da Pesquisa Aplicada às Ciências Sociais.** Disponível em: <http://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap_3_Como_Elaborar.pdf> Acesso em: 05/02/2016.

SOUZA, G. S.; NASCIMENTO, G. N. L. do. Diagnóstico situacional das hortas comunitárias da cidade de Palmas - Tocantins. 2013. Disponível em: <<http://eventos.uft.edu.br/index.php/sic/IX/paper/viewFile/750/166>>. Acesso: 05/02/2016

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO

Formulário elaborado para a entrevista com os envolvidos:

ANALISE SÓCIO-ECONÔMICA DOS PRODUTORES DAS HORTAS COMUNITARIAS MUNICIPAIS DE PALMAS – TO

Nº _____

QUESTIONÁRIO DO PRODUTOR

1 – SEXO:

() MASCULINO () FEMININO

2 - IDADE:

() De 18 a 28 anos () De 40 a 50 anos
() De 29 a 39 anos () De 51 a 61 anos () Acima de 62 anos

3 - ESCOLARIDADE:

() Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo
() Ensino médio incompleto () Ensino médio completo
() Ensino Superior incompleto () Ensino Superior completo

4- ESTADO CÍVIL:

() Solteiro () Casado () Divorciado
() Viúvo () Outro: _____

5- NÚMERO DE FILHOS MENORES DE 18 ANOS:

() 0-2 filhos () 3 a 4 filhos
() 5 a 6 filhos () acima de 7 filhos

6- A atividade da horta é a principal fonte de renda da família?

() Sim () Não

Se não, qual a outra atividade praticada: _____

7- Qual a renda da família:

() Até um salário mínimo () de 1 salário a 2 salários
() de 2 salários a 3 salários () de 3 salários a 4 salários
() acima de 4 salários.

8- O valor do produto cobre o custo da produção:

() Sim () Não

9- O valor do produto é competitivo com os demais preços de mercado?

() Sim () Não

10- A infraestrutura da horta atende as suas necessidades como produtor?

() Sim () Não

11- Qual produto mais consumido/comprado pelo consumidor? _____

12- Quais os principais produtos plantados na horta?

() Alface

() Cebolinha

() Couve (folha)

13 - Qual o tipo de adubo mais utilizado? _____

14 – Utiliza agrotóxico na horta?

() Sim () Não
